
SESSÕES DO PLENÁRIO

14ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 7 de maio de 2009.

PRESIDENTE: DEP. HERALDO ROCHA *AD HOC*

O Sr. PRESIDENTE (Heraldo Rocha):- Invocando a proteção de Deus declaro aberta a sessão. Esta Casa tem a honra de outorgar, por unanimidade, o Título de Cidadão Baiano ao Meritíssimo Juiz Argemiro de Azevedo Dutra.

Para nós é uma grande honra estar presente o Vice-Líder da Maioria dos Srs. Deputados desta Casa, o nobre deputado Álvaro Gomes. Gostaria de contar com a presença de S.Exª nesta solenidade.

Gostaria de convidar para a Mesa o Exmº Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia, esta grande figura humana, Dr. Gilberto Caribé; gostaria de convidar também um velho amigo de Santo Amaro da Bahia que tem serviços prestados a esta terra, o Sr. Diretor Presidente da Penha Papéis e Embalagens Ltda, Dr. Sadao Miki; o Sr. Membro do Conselho da Penha S/A, Dr. Funabashi Yoshio - estou aprendendo a falar japonês; meu querido e particular amigo, irmão de fé, irmão camarada, um dos responsáveis também por esse título, ex-prefeito da cidade de Santo Amaro, João Roberto Pereira de Melo.

Solicito ao Cerimonial que conduza o Exmº Sr. Homenageado, Meritíssimo Juiz Argemiro de Azevedo Dutra a esta Mesa. (Palmas)

Passo a presidência dos trabalhos para meu colega deputado Álvaro Gomes, que nos honra com a presença, para que eu possa honrar e homenagear nosso grande amigo Argemiro.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao deputado Heraldo Rocha, autor da proposição, para fazer a saudação ao homenageado.

O Sr. HERALDO ROCHA:- Exmº Sr. Presidente, deputado Álvaro Gomes, Exmº Sr. Homenageado, queridíssimo Argemiro; Exmº Sr. Desembargador Gilberto Caribé; meu particular amigo grande empresário de sucesso que tem a responsabilidade social à frente da Penha S/A, Sadao Miki; nosso queridíssimo membro do Conselho da Penha S/A, Dr. Funabashi Yoshio; meu particular amigo ex-prefeito João Roberto Pereira de Melo; caro deputado Álvaro Gomes, minhas senhoras e meus senhores, este é um momento muito importante para esta Casa Legislativa.

Estou no 5º mandato de deputado estadual e tenho um cuidado muito grande quando concedo e requeiro um Título de Cidadão Baiano. Pode ter certeza, meu caro Meritíssimo Juiz Argemiro, de que V.Exª é o 4º em 20 anos, porque tenho critério. Penso que um Título de Cidadão Baiano deve ser oferecido a quem realmente merece.

V.Ex^a merece, merece pelo serviço prestado, pela sua história de vida.

Neste momento, não posso deixar - apesar do cavanhaque que ele está usando que é igual ao de Argemiro, de saudar um que foi meu interno, trabalhou comigo, esse grande médico de Santo Amaro Dr. Aníbal, e também os seus filhos foram meus clientes quando eu ainda era médico. Argemiro tem uma história de vida muito bonita. Como eu, veio do Rio, eu vim do Estado do Rio de Janeiro, e aqui cheguei como você e, na verdade, tive a felicidade de também receber o título de cidadão baiano, cidadão soteropolitano, cidadão de algumas cidades da Bahia quando eu ainda exercia atividade na LBA.

Argemiro chegou aqui depois de um velho trabalho feito no Rio de Janeiro.

(Lê) “Filho de Jose Pio Dutra (Juiz do Trabalho aposentado) e D. Maria de Lourdes de Azevedo Dutra (costureira aposentada), contando hoje com 47 anos de idade. Exerceu as profissões de vendedor, gerente de vendas da Unibras em Fortaleza-Ce, árbitro de futebol ligado à Federação Carioca, cursou o Primário no Colégio Estadual Zulmira Torres e 2º grau - curso de laboratorista de análises Clínicas - junto ao Colégio Sul Fluminense, ambos em Paraíba do Sul; cursou o CPOR no Rio de Janeiro, onde foi graduado oficial da reserva não remunerada com especialização em artilharia; graduado em direito pela Universidade Santa Úrsula no Rio de Janeiro, aprovado no primeiro exame da OAB-RJ, onde advogou nas áreas criminal e trabalhista;”.

Advogou também na área eleitoral e veio para a Bahia para a nossa felicidade, para a nossa alegria. Esta Bahia que a gente ama, que a gente adora, que acolhe a todos. Esta Bahia que é mística, esta Bahia que nos deu tudo na vida, e ele aqui chegou.

(Lê) “Nas cidades de Santana, Serra Dourada, Santa Maria da Vitória, Barreiras e outras, além de Salvador. Aprovado em concurso público, assumiu o cargo de juiz de direito na Comarca de Correntina, exercendo atividades por substituição, nas Comarcas de Santa Maria, Coribe, Cocos, Santana, Serra Dourada e Barreiras. Promovido por merecimento, para a Comarca de Caetité; promovido por merecimento para a Comarca de Guanambi; removido a pedido para a Comarca de Santo Amaro e, por fim promovido para a Comarca de Salvador, onde atualmente é titular da 3ª Vara Cível. Atuou como juiz eleitoral nas cidades de Correntina, Coribe, Santana, Serra Dourada, Guanambi, Caetité; recebeu título de cidadão nas Cidades de Santana, Serra Dourada, Coribe, Correntina, Guanambi e Santo Amaro; recebeu comenda como amigo do 10º BPM de Barreiras; realizou vários cursos de especialização, nas áreas criminal, municipal e administrativo; é pós-graduado em direito civil e processo civil pela Universidade Estácio de Sá-RJ, e ainda continua estudando, atualmente participa do curso de pós-graduação em direito civil e processo civil pela Faculdade de Direito da Bahia patrocinado pelo Tribunal de Justiça da Bahia. No exercido da judicatura pelo interior, lutou e conseguiu a construção dos Fóruns das Comarcas de Santana e Serra Dourada, reforma dos Fóruns de Correntina e Santo Amaro e realizou vários concursos públicos para provimento de cargos de serventuário. É católico por formação e espírita por convicção, Tem um casal de filhos, ambos nascidos em Santana, Bahia”.

Como foi que conheci Argemiro? Conheci-o através de Sadao e Gentil e também através do meu queridíssimo amigo João Roberto Pereira de Melo. Naquela época, existia uma fábrica em Santo Amaro que ia fechar. Um dia de sexta-feira,

aproximadamente umas dez para onze horas da noite, recebo um telefonema de João dizendo que a Coelba ia cortar a luz da IPB – você lembra muito bem. Eu lhe disse: como que vou fazer, João, sexta-feira? As coisas de Santo Amaro eram meio complicadas, não é, Caetano, não é, nosso querido major? É meio complicado... Mas João, sexta-feira, o que é que vou fazer? Ele me disse: “Heraldo, a fábrica vai fechar, porque não tem como...”

Deus é muito bom para gente. Eu também estudei em colégio católico, como Argemiro, e sou espírita, acredito na reencarnação. Meus pais eram espíritas. Eu sou “espírito de porco,” mas acredito no espiritismo. Aí, liguei e localizei o presidente da Coelba, no Rio de Janeiro, e disse-lhe: “Se o senhor vai cortar a energia aí é que não vão pagar mesmo.” Mas parece que Santo Amaro da Purificação, protegido por aquele manto sagrado da Nossa Senhora... Aparece a Penha S.A. e assume aquela situação gravíssima que estávamos vivendo. A situação não era fácil. E todos sabem que japonês sabe trabalhar, gosta de trabalhar. Eles não procuraram o Estado – o que é uma novidade. Naquela época, o Estado dava isenção fiscal, ajudava construía galpões... Era uma festa. Eles cumpriram rigorosamente, pagaram todos os débitos, assumiram tudo que estava de ruim. Tivemos um grande companheiro, que eu gostaria de registrar, o Émerson Simões, que nos ajudou muito. E esses homens conseguiram, graças ao apoio, permita-me o desembargador, desse juiz cidadão, desse juiz que tem responsabilidade social, desse homem que assumiu um papel importante na solução de um grave problema social. E foi por isso e muito mais, meu querido presidente Álvaro Gomes, meus colegas de trabalho e do meu gabinete que aqui estão, velhos amigos que estou vendo aqui da minha queridíssima Santo Amaro, que não canso de adorar e de querer bem, que eu solicitei a meus pares que pudéssemos dar o título de cidadão baiano a esse baiano de fato e de direito que é o meritíssimo juiz Argemiro. Mas muito mais, Argemiro, pela sua sensibilidade, muito mais pelos 700 empregos que, hoje, diretos são gerados em Santo Amaro da Purificação. Muito mais, Argemiro, pelas oito toneladas/mês de papel que estão sendo produzidas em Santo Amaro. Muito mais pelos pedidos que me foram feitos na época, pelo também grande companheiro, uma bandeirante, esse querido Gentil. Vocês nos deram a oportunidade, deram-nos a grande...

Quero registrar a presença do Exmº Sr. Vereador, ex-vice-prefeito José Carlos Rocha Lima, grande amigo e também um dos grandes arquitetos desse ato de hoje. Obrigado pela presença meu querido vereador.

Então, na verdade, conseguimos construir este momento importante, simples mas muito caloroso. Simples, Argemiro, mas muito profundo. Quando, ontem, a minha assessoria me comunicou que hoje eu teria a honra de entregar-lhe este título, eu disse: vou fazer com muita gratidão, vou fazer com muita amizade. E dizendo para você, Argemiro, que continue a sua luta, a sua caminhada de sucesso, de vitória; continue servindo à Bahia e ao Brasil, porque não tenho a menor dúvida – e aí vou fazer uma jogada política – de que V.Exª chegará aos píncaros da sua carreira sendo desembargador do Estado da Bahia.

Parabéns! Que Deus o ilumine. Que a grande Nossa Senhora do Amparo, com o seu manto sagrado, cubra-o de bençãos. Que todos os nossos místicos orixás desta Bahia de tantas cores, do Abaeté, do Pelourinho, da nossa querida Santo Amaro... E lá

existe um serviço social implantado, na época, com o apoio da Penha S/A para fazer palitinhos para vender queijos, mas que se transformou numa associação, numa cooperativa.

Que Deus, o grande arquiteto do Universo, continue a nos iluminar, particularmente a você. Perdoe-me por chamá-lo de você, para dizer que Deus o ilumine, que você continue essa caminhada de sucesso e de luta em prol dos baianos tão sofridos, mas dos baianos que lhe querem bem e desejam que você continue sempre servindo à Bahia, ao Brasil e, se Deus quiser, aos pobres da Bahia, que é uma das suas missões.

Meus parabéns, muito obrigado cidadão baiano, meritíssimo juiz Argemiro, responsável por grandes soluções e grandes vitórias para a nossa querida Bahia.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Solicito ao nobre deputado Heraldo Rocha entregar o Título de Cidadão Baiano que a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia concede ao homenageado, o juiz Argemiro de Azevedo Dutra. (Palmas)

(O Sr. Argemiro de Azevedo Dutra é aplaudido de pé ao receber o título.)

O Sr. PRESIDENTE (Heraldo Rocha):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso conterrâneo, o nosso baiano retado, como se diz na Bahia, o meritíssimo juiz Argemiro, o nosso querido homenageado.

O Sr. ARGEMIRO DE AZEVEDO DUTRA:- Exmº Sr. Deputado Álvaro Gomes, muito digno presidente desta sessão; Exmº Sr. Deputado Heraldo Rocha, muito digno integrante desta Casa Legislativa; Exmº Sr. Desembargador Gilberto Caribé, meu amigo pessoal, a quem muito admiro, integrante do Tribunal de Justiça da Bahia e neste ato representando a instituição; Sr. Diretor-Presidente da Penha - Papéis e Embalagens S/A, Sadao Miki; Sr. Funabashi Yoshio, membro do conselho da Penha S/A; Sr. Ex-prefeito da Cidade de Santo Amaro, João Melo; amigos presentes a este ato, não é muito fácil, neste momento, exteriorizar com palavras o sentimento que brota no coração de um ser humano quando, vindo de outro estado, recebe, depois de 25 anos de luta, o reconhecimento através da Assembleia Legislativa, por serviços prestados.

É preciso fazer um pequeno histórico. Em primeiro lugar, considero que tudo o que eu fiz em minha carreira, como advogado, juiz ou ser humano, foi a minha obrigação. A minha obrigação porque entendo, assim como muitos, que estamos aqui de passagem. Aqui, na verdade, cada um exerce uma missão: umas mais nobres, outras menos nobres; alguns em posições mais altas, outros mais baixas ou mais humildes. Não importa, cada um de nós tem uma missão.

Desde novo, sempre fui orientado no sentido de plantar para que, lá adiante, quando chegar a hora de partimos, quando olharmos para traz sentirmos se valeu a pena, se correspondemos a esta missão que nos foi dada. Quanto mais nobre o cargo que exercemos aqui, com certeza seremos cobrados com mais severidade. Eu entendo isso.

Bem, então fazendo uma retrospectiva do trabalho que executei aqui na Bahia, desde Correntina, quando assumi aquela comarca em 1990, eu percebi boa parte da população pobre, um fórum sem servidores, precisando de conserto. Eram coisas que

dependiam muito do juiz. Eu entendi que ser juiz não é, simplesmente, pegar um papel, dar uma sentença e fim de papo. Ou ainda interpretar uma lei fria, porque a lei é fria. Se vocês pegarem um código, verão que ele é frio. O papel também é frio, mas o objeto é diferente.

Para que existe a lei? Para que existe o Judiciário? O objetivo é levar ao povo, à sociedade o equilíbrio e a paz. E, muitas vezes, se ficarmos presos à letra fria da lei ou a um processo frio, não conseguiremos chegar aonde devemos chegar. O juiz hoje tem uma missão muito nobre. Na verdade, sempre teve, mas mais ainda atualmente. O juiz tem de se preocupar com o lado social, tem de aplicar a lei visando ao social. Não existe mais o espaço para o egoísmo, para o eu. Existe, sim, para o nós.

Pautado nesse princípio de vida, todos os atos que fiz foi pensando nisso. Em Correntina, por exemplo, fizemos a reforma do fórum, concurso, várias eleições, sempre com equilíbrio, tratando os grupos políticos com muito equilíbrio para que eles tivessem confiança no Poder Judiciário.

De lá, fui para Caetité promovido por merecimento. Fiquei 2 anos naquela cidade e não tive condições de fazer algum trabalho mais relevante. Já em Guanambi, onde fiquei 6 anos, fizemos inúmeros trabalhos, inclusive de natureza social.

Eu me lembro de que não existiam árvores na frente do fórum. O sol do sertão é muito quente e não havia sombra. Fiquei pedindo à prefeita: “Prefeita, vamos botar umas árvores aqui”. Ela dizia: “Ah, doutor, vamos fazer. Vamos colocar”. Passaram-se 1, 2, 3, 4, 5, 6 meses e ela não colocou. Um dia, não sei se eu estava com espírito de porco, quando eu ia para o fórum, vi dois funcionários da prefeitura cavando um buraco numa lanchonete próxima ao fórum. Falei para eles: “Me acompanhem, por favor. Tragam as picaretas e vamos abrir uns buracos”. E aí mandei abrir 20 buracos. Depois mandei comprar as 20 árvores, mandei fazer as 20 gradinhas e plantei. Hoje, temos 20 árvores fazendo sombra em frente ao fórum. (Muitas palmas)

Era uma coisa simples? Era. Era obrigação do juiz? Não. Mas era obrigação do cidadão. Então, precisamos ser juiz e cidadão. Quando vamos, por exemplo, a Santo Amaro, aí vem a história do Grupo Penha. Lá há um índice de analfabetismo enorme, um nível de educação baixo, sentimos uma pobreza elevadíssima. Então, aquilo incomodava e ainda incomoda a qualquer pessoa de bem que chegue lá.

E chegou às minhas mãos um processo antigo de falência provindo de uma má gestão que levou ao desemprego e à quebra de não sei quantos pequenos comerciantes, que até hoje não receberam. E esse processo foi iniciado por Dr^a Maria Caribé, muito amiga, pessoa digníssima, esposa do nosso amigo Dr. Gilberto, que também, com espírito público, tentou salvar a fábrica, e nesse tentar salvar, adentra uma empresa que assumiu essa fábrica, só que, lamentavelmente, lá adiante, nós verificamos que se tratava de um aventureiro, de uma pessoa que não tinha experiência e estava levando a fábrica à falência novamente. E a posição da Justiça seria, tecnicamente, de forma fria, fechar novamente a fábrica e levar novamente 200 a 300 desempregos diretos e mais as consequências econômicas e sociais disso.

E nisso aparece a empresa Penha querendo assumir a posição dessa empresa no processo. A minha preocupação foi investigar quem eram essas pessoas, que empresa era essa. Eu fiquei muito alegre quando percebi que se tratava de um grupo de japoneses, e sempre disse isso a eles: olha, o que me empolgou, na verdade, para dar

um apoio a vocês é o fato de vocês serem japoneses. Quem conhece o Japão, quem conhece a sua história, sabe que são pessoas de fibra, são pessoas que unidas, em pouco tempo, reconstruíram seu país que estava no chão. São pessoas de muita seriedade. Disse também: Isso vai dar certo! O Ministério Público também entendeu dessa forma e nós, então, autorizamos a transação de cessão.

Hoje o resultado está aí, e já tem outra fábrica, que por sinal também contou com o nosso apoio, é uma fábrica que estava fechando, que também colocou o prefeito, Sr. João Melo de orelha em pé, eu sou testemunha disso. Ele sempre teve essa preocupação, nós notávamos que os olhos dele sempre brilhavam quando ele conseguia alguma coisa que era geradora de emprego.

Interessante, é que certa vez, eu estava trabalhando em meu gabinete e chegaram sindicalistas, o deputado Pellegrino, várias pessoas, me perguntando o que o Judiciário poderia fazer para a fábrica não fechar. Eu disse: em princípio, o Judiciário não pode fazer nada, é uma iniciativa privada que quer fechar as portas, isso está nas mãos de vocês, políticos. Agora, talvez, quem sabe, senhor deputado, o senhor conseguindo uma linha de crédito no Desenbanko, e tentando oferecer lá ao pessoal para eles não fecharem(...).

Eu sei que nesse ínterim, a empresa Penha estava fazendo uma negociação com o Estado para adquirir um terreno para implantar essa segunda fábrica, e eu, numa oportunidade, quando estava reunido com o prefeito, o deputado Pellegrino, esse pessoal todo, telefonei para o Sr. Gentil e falei, sugerindo: por que os senhores não comprem uma fábrica pronta, já montada, com toda estrutura? Ele disse: é interessante, vamos ver. Aí começaram a trabalhar para que a empresa Penha comprasse essa área também. Só que o grupo proprietário, inicialmente tinha feito uma proposta ao prefeito no sentido de doar à prefeitura para se implantar uma atividade social. Quando eles perceberam que tinha alguém interessado em comprá-la, voltaram atrás e disseram que queriam vendê-la por R\$ 2 ou R\$ 3 milhões, eu não sei quanto. E aí nós ficamos na torcida para que, realmente, desse tudo certo, eles ficaram de se reunir, não sei onde.

Eu me lembro que teve um almoço na empresa Penha e o presidente que, inclusive, está aqui presente, sentou a minha mesa e disse que naquela semana iriam bater o martelo para fechar negócio. Eles estavam trabalhando em torno da quantia de R\$ 1 milhão. Eu disse a ele: olha, não vai deixar de comprar por causa de R\$ 300 ou R\$ 500 mil, porque vale a pena, compre, invista. Passado uma semana, nós soubemos que eles compraram, parece-me, eu não sei detalhes, que foi em torno de R\$ 1.300 milhões, R\$ 1.400 milhões, não tenho certeza, alguma coisa assim.

Então, o que quero apenas deixar registrado é que desde o início da minha carreira nós nos preocupamos, em trabalhar, em melhorar o Judiciário e em contribuir com a instituição. Mas não é o bastante, temos que nos preocupar com a cidade, com as pessoas. Por exemplo, se eu fosse aplicar a letra fria da lei, a fábrica estaria fechada até hoje. O que é que eu fiz? Autorizei a sessão, está lá, o Ministério Público concordou. Qual foi a consequência disso? Qual foi a consequência das árvores, qual foi a consequência, por exemplo, do Fórum de Serra Dourada, que é outra história interessante?

Nós trabalhávamos como substituição em Serra Dourada, quem não conhece é no sertão da Bahia, uma cidade pequena, humilde, pobre, eu ia lá uma vez por mês,

porque eu trabalhava em cinco comarcas. Lá chegando, a gente trabalhava numa casinha que a prefeitura colocou à disposição para montar o fórum, um calor danado, tudo funcionava num lugar só, uma dificuldade muito grande. E eu, então, vi um terreno enorme, no centro da cidade, e perguntei ao prefeito: “Por que o senhor não compra esse terreno aí, pega a metade e doa para o Tribunal para ver se a gente constrói um fórum aqui, porque esse povo merece um local melhor?” E ele respondeu: “Esse terreno aí é da Igreja, e eu não quero briga com a Igreja”. Eu disse: “Venha cá, e se eu der um jeitinho?” E ele disse: “Se o senhor conseguir, eu negocio”.

Eu liguei para o padre André, já falecido, que Deus o tenha em bom lugar, ele era um líder espiritual lá em Correntina, muito meu amigo, e me pedia sempre favores no sentido de dar atenção àquela ou outra pessoa humilde que chegava lá com um processo e tal, a gente dava atenção, resolvia, e eu liguei para ele e falei: “Olha, padre, hoje eu não quero só sua bênção, quero que o senhor me ajude a resolver um problema, eu quero comprar um terreno em Serra Dourada e o terreno pertence à Igreja. Dá para conseguir com o bispo?” Ele respondeu: “Vou ver”.

Passaram-se dois dias e ele disse que já estava autorizado e que eu poderia negociar. Aí eu liguei para o prefeito e disse que o padre iria negociar a compra do terreno. Eles compraram o terreno, o município comprou, não foi nem muito caro, um terreno enorme no centro da cidade, doaram a metade para o Tribunal, eu corri para conseguir isso, foi até o desembargador Jatahy que inaugurou o fórum, um prédio lindo, de dois andares, e ficou a outra metade do terreno. Eu então sugeri a ele que ali fizesse a Prefeitura, a Câmara e a Praça dos Três Poderes. E hoje temos ali o fórum, muito bonito.

Tem o Fórum de Santana, que foi quase a mesma coisa, nós tivemos que correr atrás para conseguir, vocês sabem que o Estado é muito grande, o dinheiro é curto, e se você não correr atrás e tentar passar à frente, você não consegue, o dinheiro é curto, o Estado é enorme e não tem dinheiro para construir fórum em todo lugar, nós temos que correr atrás. Foi outra obra que conseguimos, graças a Deus está lá, o Fórum de Santana também, perfeito.

Eu acho que temos que nos dedicar para quando olharmos para trás vermos quanta coisa boa a gente fez, além de julgar processo. Julgar processo é uma coisa muito simples, é matemática, está lá dentro dos autos, provou, somou o Direito, acabou. Mas não é só isso, o juiz tem que ser algo mais do que isso. E é assim que eu vou continuar, viu, Sr. Deputado, vou continuar assim, a contribuir com a Bahia e com o meu Brasil, porque apesar de eu já estar meio coroa, 47 anos, ainda sou idealista, ainda acredito que este País vai para a frente, eu ainda acredito que a Bahia vai galgar, sim, principalmente a nossa instituição, um lugar de destaque, nacionalmente falando. O Poder Judiciário tem tudo para chegar lá, é só a gente acreditar.

Eu agradeço muito as suas palavras, deputado, o senhor é meu amigo, meu conterrâneo duas vezes. Nós viemos de um Estado que... Eu não sei a posição de V.Ex^a, mas a minha é que eu só vou lá visitar a minha mãe, porque eu tenho, realmente, muita preocupação com o Estado do Rio. Eu saí de lá na época do Brizola, uma época em que a gente ainda tinha condição de viver em paz, hoje não tem. E a minha preocupação é que a Bahia se transforme no Rio de Janeiro, essa é a grande preocupação nossa aqui. Mas, com fé em Deus, isso não vai acontecer, afinal de contas temos muito axé e muito

santo aí para nós proteger.

Agradeço a homenagem que esta Casa me faz, e pode ter certeza que vou honrá-la até o último dia da minha vida. Muito obrigado a todos os Srs. Deputados, aos quais saúdo na pessoa do Exmº Sr. Presidente. Obrigado por essa homenagem. E vou repetir aqui uma mensagem que recebi hoje de uma serventuária lá de Santo Amaro, aquela senhora gordinha lá do Oficial do Registro Civil. Ela disse assim: “A partir de hoje, o senhor pode dizer oxente ou axé”.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Heraldo Rocha):-Em nome do Poder Legislativo, de todos os 63 Srs. Deputados desta Casa que concederam título tão honroso a Argemiro pela história dele, em especial o meu querido amigo, deputado Álvaro Gomes, pelo qual, apesar de estarmos em lados ideológicos opostos – ele é deputado pelo PCdoB, eu sou Líder da Oposição e deputado pelo Democratas – tenho um respeito muito grande, porque se trata de um parlamentar cuidadoso, assíduo, competente. A gente não briga, às vezes discute, mas não é inimigo, mas adversário. Ele tem contribuído muito, com seu mandato, para o engrandecimento desta Casa.

Tenho uma ideia muito clara: acho o Parlamento muito importante. Apesar de a classe política estar vivendo um momento bem difícil, continuo dizendo que me sinto muito orgulhoso e honrado de ser deputado, porque cada um faz, cada cabeça é um mundo, e o tempo é o senhor da razão.

Comentava, em *off*, com Álvaro, dizendo: Álvaro, há certas coisas que fazemos na vida política que nos deixam feliz. Esse Título me deu felicidade quando ouvia e lia o currículo de Argemiro e também suas palavras. Pode ter certeza, meu querido irmão, que hoje é um dia muito feliz também para o deputado Álvaro e para este deputado, que, antes de tudo, é uma pessoa simples, mas tem muito cuidado com a coisa pública.

Quero agradecer também aos funcionários da Casa, aos meus amigos da *TV Assembleia*, que, de vez em quando, me focalizam. A *TV Assembleia* é uma televisão de canal fechado, mas estamos trabalhando para que seja de canal aberto. Agradeço aos meus assessores, a todos os servidores da Penha, que estão aqui nos dando a honra de suas presenças e pelos quais tenho um respeito muito grande. Comentava com o Álvaro também sobre o trabalho fantástico que é feito pela Penha S/A, porque lá não é só o dirigente, o presidente do conselho, não é Sadao, não é Gentil, acho que todos vocês fazem aquela empresa.

Quero ainda agradecer muito ao desembargador Caribé, que, representando o Poder Judiciário, nos dá a honra de estar presente a esta solenidade; ao meu queridíssimo e fraterno amigo João Roberto Pereira Melo; e a todos os companheiros de Santo Amaro que estão presentes aqui.

Está encerrada a presente sessão. (Palmas)

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço

*<http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*